
VILA NOVA DE SÃO PEDRO E O CALCOLÍTICO NO OCIDENTE PENINSULAR 2

Mariana Diniz · Andrea Martins · César Neves · José M. Arnaud

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Vítor S. Gonçalves (1985)

23.

DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.) (2024) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 2. estudos & memórias 23*. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 296 p.

Capa: Vila Nova de São Pedro. Foto: Projecto VN3000

Paginação e artes finais: Paulo Freitas
Impressão: Europress, Indústria Gráfica
500 exemplares

ISBN: 978-989-35113-1-2 / Depósito Legal: 537846/24
DOI: <https://doi.org/10.51427/chi.2024.23>

Copyright textos e imagens ©, 2024, os autores.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a UNIARQ a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDB/00698/2020) e UIDP/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDP/00698/2020).

Lisboa, 2024.

ÍNDICE

- 7 **VILA NOVA DE SÃO PEDRO – MONUMENTO NACIONAL**
José M. Arnaud, Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 21 **EUGÉNIO JALHAY E O CASTRO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO – *NOS ECOS DA PROVÍNCIA DE PORTUGAL***
António Júlio Limpo Trigueiros, SJ
- 37 **MANUEL AFONSO DO PAÇO, MILITAR E ARQUEÓLOGO**
Mário J. Freire da Silva, Osório Santos
- 47 **VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL): NOVOS DADOS SOBRE ESTRUTURAS, MATERIAIS E CRONOLOGIA**
César Neves, Andrea Martins, Mariana Diniz, José M. Arnaud
- 103 **VILA NOVA DE SÃO PEDRO E MARIA DE LOURDES COSTA ARTHUR (1924-2003): UMA HISTÓRIA NO FEMININO**
Ana Cristina Martins
- 123 **O ESPÓLIO METÁLICO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO – INVESTIGAÇÕES ARQUEOMETALÚRGICAS**
António M. Monge Soares
- 135 **O TERRITÓRIO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO NO 3º MILÉNIO A.C: ANÁLISE DE PROVENIÊNCIA DAS MATÉRIAS-PRIMAS LÍTICAS A PARTIR DE NOVOS DADOS (2017-2018)**
Patrícia Jordão, Nuno Pimentel, Andrea Martins, Pedro Cura, Mariana Diniz, César Neves, José M. Arnaud
- 153 **ENTRE DOMÉSTICOS E SELVAGENS: NOVOS DADOS SOBRE A FAUNA DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL)**
Cleia Detry, Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins, José M. Arnaud
- 171 **INVESTIGATING THE ECONOMIC INTEGRATION OF COASTAL AND INTERIOR SETTLEMENTS IN LATE PREHISTORIC PORTUGAL: NEW ISOTOPIC DATA FROM VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL)**
Anna Waterman, Cleia Detry, César Neves, Mariana Diniz, Andrea Martins, José M. Arnaud, David Peate
- 185 **NOVAS IMAGENS DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL): O CONTRIBUTO DA FOTOGRAMETRIA**
Elena Cabrera-Revuelta, Mariana Diniz, César Neves, José M. Arnaud, Andrea Martins
- 201 **A CERÂMICA CALCOLÍTICA DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO – CARACTERIZAÇÃO TEXTURAL, QUÍMICA E MINERALÓGICA**
Rute Correia Chaves, João Pedro Veiga, António M. Monge Soares
- 221 **PRODUTOS SECUNDÁRIOS EM VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL): AS “QUEIJEIRAS”**
Lucas Barrozo, Mariana Diniz, Andrea Martins, César Neves, José M. Arnaud
- 239 **SYMBOLART – ABORDAGEM METODOLÓGICA NÃO DESTRUTIVA PARA A CARACTERIZAÇÃO DE ARTEFACTOS SIMBÓLICOS DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL)**
Ana Luísa Rodrigues, Rosa Marques, Maria I. Dias, Maria I. Prudêncio, Andrea Martins, Mariana Diniz, César Neves, José M. Arnaud

- 249 A COLABORAÇÃO DO ANTIGO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COM AS ESCAVAÇÕES DE VILA NOVA DE S. PEDRO: ALGUMAS NOTAS HISTÓRICAS
Ana Maria Silva
- 267 CONHECIMENTO E MEMÓRIA: A SALA DO POVOADO FORTIFICADO DE VILA NOVA DE SÃO
PEDRO NO MUSEU DE AZAMBUJA
Nuno Nobre
- 279 LA PÉNINSULE IBÉRIQUE ET LE CHALCOLITHIQUE DE LA MÉDITERRANÉE OCCIDENTALE :
ANALOGIES ET CONTRASTES
Jean Guilaine
- 287 POSFÁCIO

VILA NOVA DE SÃO PEDRO E MARIA DE LOURDES COSTA ARTHUR (1924-2003): UMA HISTÓRIA NO FEMININO

Ana Cristina Martins

IHC – Polo da Universidade de Évora | IN2PAST / acmartins@uevora.pt

Resumo: Maria de Lourdes de Costa Arthur é um nome quase ausente da historiografia arqueológica portuguesa. Não obstante, ele surge associado a algumas das escavações mais importantes realizadas no país na primeira metade dos anos 50 do século XX. Disso é exemplo Vila Nova de São Pedro cujos trabalhos chega a codirigir com Afonso do Paço depois da sua primeira estada em Madrid como bolsista do Instituto de Alta Cultura. O presente texto pretende esclarecer alguns pormenores do seu envolvimento nas investigações conduzidas neste sítio arqueológico, assim como desvendar parte do seu posicionamento com relação ao estado da arqueologia em Portugal, a partir da análise de documentação inédita que tivemos a oportunidade de localizar e identificar.

Palavras-chave: Maria de Lourdes Costa Arthur; Afonso do Paço; Vila Nova de São Pedro; Mulheres na Arqueologia; História da Arqueologia.

Abstract: Maria de Lourdes de Costa Arthur is a name almost absent from Portuguese archaeological historiography. Nevertheless, she is associated with some of the most important excavations carried out in the country in the first half of the 1950s. An example of this is Vila Nova de São Pedro, whose excavations she co-directed with Afonso do Paço after her first stay in Madrid as a scholar of the 'Instituto de Alta Cultura'. The present text intends to clarify some details of her involvement in the work accomplished in this archaeological site, as well as to unveil part of her position regarding the state of archaeology in Portugal, based on the analysis of unpublished documentation that we had the opportunity to identify and locate.

Keywords: Maria de Lourdes Costa Arthur; Afonso do Paço; Vila Nova de São Pedro; Women in Archaeology; History of Archaeology.

“Podemos concluir depois de observar que no estado atual há uma *grande parte* de “arqueólogos” que *sabem alguma coisa à força de terem estragado muito.*”
(Arthur 1953. Nossos itálicos)

1. O DESPERTAR PARA A ARQUEOLOGIA: 1949

No Verão de 1949, a jovem estudante Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003) termina, com 12 valores, a parte curricular da licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Sendo um dos últimos exames universitários a cumprir, a arqueologia suscita o seu maior interesse. Tão imediato e entusiasmante que decide dedicar-lhe a tese de fim de curso. Antes de partir em família para as Termas de Melgaço, dirige-se neste sentido ao regente da cadeira, Manuel Heleno (1894-1970), responsável pela área de estudos de arqueologia da FLUL e diretor do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos (1893) (**Figura 1**).

Acolhendo positivamente esta sua decisão, M. Heleno sugere-lhe o estudo do balneário do sítio romano de Miróbriga (Santiago de Cacém) agora intervencionado sob direção de Manuel Afonso do Paço (1896-1968). Embora pretenda dedicar-se ao sítio romano de Tróia onde escava ainda como licencianda (MNA/APMH/5/1/51/3), Maria de Lourdes aceita o conselho e aproveita o período estival para se embrenhar no passado romano do território onde estadia (*vide supra*).

Começa assim a preparar o “ambiente dentro do qual me pudesse mover com o maior proveito científico.” (*Ibid.*). Com efeito, não lhe basta licenciar-se. Não lhe é suficiente realizar a tese de licenciatura. Seleccionada a ciência que pretende venha a definir o seu futuro profissional, ambiciona obter formação complementar mais adequada. Formação que não encontra em Portugal. Aqui, ao invés de um curso de arqueologia, existe – afirma – somente uma cadeira que *versa assuntos desta* no 4.º ano das licenciaturas em Ciências Históricas e Filosóficas e no 3.º ano de Filologia Clássica. Por isso começa por elaborar a tese em arqueologia, concretamente em arqueologia clássica. Escolha à qual presidem várias razões. Entre elas, o teor de aulas cursadas na FLUL não será a de somenos relevância, a exemplo das ministradas por Manuel Tavares Chicó (1905-1966), historiador de arte e um dos professores que mais a entusiasma a prosseguir os estudos fora do país.

Prevendo concluir a tese em dois anos, Maria de Lourdes desloca-se a Santiago do Cacém em fevereiro de 1950 para se juntar à equipa de A. do Paço (*vide supra*). Experiência que marca profundamente o seu futuro mais próximo. Desde logo, por ser chamada a integrar campanhas de escavação do sítio calcolítico de Vila Nova de São Pedro (VNSP) (Azambuja) após o falecimento, neste mesmo ano, do colaborador de sempre de A. do Paço, o sacerdote jesuíta e pré-historiador Eugénio Jalhay (1891-1950), numa evidência da confiança que depositam já no seu trabalho. Depois, por contribuir de forma significativa para a sua intenção de se especializar em arqueologia longe de Portugal (Martins 2016).

Permanecendo em Santiago do Cacém, Maria de Lourdes visita o balneário indicado por M. Heleno (*vide supra*) e analisa o espólio recolhido em Miróbriga¹. Até porque o espólio se encontra guardado no Museu Municipal desta localidade fundado e dirigido pelo jurista João da Cruz e Silva que explorara o sítio entre os anos 20 e 40 (Barata 1998: 25-27). Mas o assunto exige uma pesquisa detalhada. Por isso aqui regressa em março com a esperança de que a viúva tenha em sua posse apontamentos pessoais deste erudito que permitam clarificar as intervenções então realizadas. Infelizmente, tudo fora já publicado. Há, pois, que repensar o tema de tese para garantir o seu carácter inovador.

Entretanto, Maria de Lourdes continua a agregar-se pontualmente a outros projetos, incluindo de cronologia pré-romana. É o que sucede na escavação do sítio solutrense de Cambelas (Torres Vedras) e, já em dezembro de 1950, na *exploração desta estação de superfície* do Casal-do-Monte (Santo António dos Cavaleiros e Frielas, Loures) (Heleno 1956), colhendo *belos exemplares do paleolítico* (MNA/APMH/5/1/51/3). Participações que lhe permitem cumular conhecimento, saber e prática.

Mas Maria de Lourdes sabe que deve *assentar no assunto da tese e traçar o seu plano*. Deci-

¹ Sítio classificado como Imóvel de Interesse Público pelos decretos n.ºs 30762 de 26/9/1940 e 32973 de 18/8/1943.





Figura 1 – Maria de Lourdes de Costa Arthur em Vila Nova de São Pedro [Arquivo pessoal de Ana Cristina Martins].

de, por conseguinte, empreender uma *tarefa difícil* que pretendia adiar pela sua complexidade: o estudo da *romanização no distrito de Setúbal* (*Ibid.* Sublinhado original e nosso itálico). Por isso rascunha e apresenta o programa de trabalhos a M. Heleno. Satisfeito com a sua leitura, sugere poucas alterações, permitindo que a autora se entusiasme e inicie a investigação. No seu decurso, torna-se a primeira portuguesa a dirigir um trabalho arqueológico de campo em Portugal, especificamente de salvamento (Bugalhão: 2013, 20), no sítio da Quinta de São João (Arrentela, Seixal) (Arthur 1950; Correia 1978). Participa, ademais, em encontros científicos da especialidade onde procura atualizar saberes, encontrar outros arqueólogos e integrar, paulatinamente, redes de produção de conhecimento e de património arqueológico que desempenharão um papel importante no seu futuro académico.

É o que sucede por ocasião do XX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950), com a apresentação da comunicação “Sepulturas Romanas na Quinta de S. João (Arrentela-Seixal)” (Arthur 1950). O mesmo ocorre durante o II *Congreso Arqueológico Nacional* (Madrid, 27 de março-4 de abril de 1951) ao associar-se a uma visita de estudo de quatro dias (1-4 de abril) ao longo dos quais percorre museus e *importantes jazidas arqueológicas* , desde o sítio de Numância ao Museu Municipal de Madrid (IC-IAC. Docs. 3/6. 05.11.1952). Não se limita, porém, a estar presente, expondo, inclusive, uma comunicação decorrente do estudo realizado sob direção de M. Heleno acerca da coleção do médico-cirurgião e professor da Universidade de Lisboa, Francisco Gentil (1878-1964)², constituída por artefactos provenientes da necrópole da idade do ferro de Alcácer-do-Sal (*Ibid.* ; Arthur 1952)³.

Regressando a Lisboa, Maria de Lourdes embrenha-se de novo na elaboração da tese para a

² Coleção composta de objetos encontrados pelo arqueólogo, historiador de arte e professor universitário Virgílio Correia (1888-1944) nas escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal subsidiadas por F. Gentil que acaba por doá-la ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, cujas instalações serão inauguradas oficialmente a 6 de março de 1958 com a abertura da exposição de materiais arqueológicos procedentes desta estação arqueológica (A oferta da colecção... 1959: 17-20).

³ A 27 de março de 1953, estando em Madrid, Maria de Lourdes dirige-se em postal a Tavares Chicó como conhecedor que é das coleções do então Museu Regional de Évora, hoje Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, cujo concurso para diretor ganhara em 1943: “A minha investigação para fazer um trabalho bom, relativamente é claro, tem sido árdua. Contudo posso dar-me por feliz por já haver localizado a “máscara romana” que apareceu em 1874 na necrópole de Alcácer-do-Sal. O Sr. Major [A. do Paço] já havia de ter comunicado ao Sr. Doutor que a referida peça se encontra no Museu de Arte Antiga. Muito reconhecida estou ao Sr. Director [J. Couto] deste, por me ter auxiliado na sua identificação.” [1953], Fundação Mário Soares/DTC – Documentos Mário e Alice Chicó, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_119093 (2022-2-9). Nossos itálicos].

qual leva a cabo *visitas de estudo frequentes* a diversos museus e estações arqueológicas com uma assinalável expressão geográfica (MNA. Idem)⁴. Apesar disso, o Verão aproxima-se e com ele a possibilidade (e a necessidade) de retomar o trabalho de campo.

Desta feita, porém, não acompanha M. Heleno. Pela primeira vez, participa nas escavações do sítio calcolítico de Vila Nova de São Pedro (VNSP), entre 23 de julho e 4 de agosto deste ano (1951⁵)⁶, e em *explorações arqueológicas* no concelho de Marvão, de 26 de setembro a 5 de outubro⁷, ambas dirigidas pelo Sr. Major Afonso do Paço (*Ibid.*). Três semanas de prospeção e escavação ao longo das quais tem ainda a possibilidade de visitar estações arqueológicas nos arredores de Marvão⁸, “... com imenso entusiasmo pois já desde havia muito que eu desejava explorar ou mesmo ver, só que fosse, um dolmen.” (*Ibid.*), estudando previamente os apontamentos das aulas de M Heleno *para não ir desprevenida* (*Ibid.*)⁹. Como consequência do seu empenho, é convidada por A. do Paço a preparar as comunicações orais “Castro de Vila-Nova-de-S. Pedro – 15.^a campanha de escavações” e “Nota sobre os problemas arqueológicas do concelho de Marvão” destinadas ao XXI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Málaga, 9-16 de dezembro de 1951) (IC-IAC. Docs. 3/6. 05.11.1952). Nasce, assim, uma parceria científica replicada no ano seguinte, nomeadamente com a publicação do artigo conjunto “Castro de Vila-Nova-de-S. Pedro – IV – Sementes pré-históricas (resposta ao Prof. Clark da Universidade de Cambridge)”¹⁰.

⁴ “MUSEUS. Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos, Alcácer-do-Sal, Santiago-do-Cacém. ESTAÇÕES – Grutas de Palmela, Castro de Rotura, Castro de Chibanes, Balneário de Meróbriga, Grândola, Alcochete, Alcácer-do-Sal, Murfacém. – Outros. – MUSEUS – M. Arqueológico do Carmo, M. Castro Guimarães (Cascais) *neste trabalhei na arrumação dalgumas vitrinas*, M. Serviços Geológicos, M. Sociedade Martins Sarmento, M. Santos Rocha, M. de Lagos, M. Soares dos Reis. JAZIDAS – Conimbriga, Santa-Luzia, Alapraia, S. Pedro do Estoril, Vila-Nova-do-Coito (Cartaxo), Rio-Maior, etc.” (MNA/APMH/5/1/51/3).

⁵ Informação contraditória de outras, mais recentes (Ribeiro 2013), sendo que Maria de Lourdes participará de novo na escavação deste sítio logo no ano seguinte, em 1952 (MNA. Idem).

⁶ Tratar-se-á da primeira incursão de Maria de Lourdes numa escavação arqueológica, considerando que, “... para andar lá [Marvão] à vontade o Sr. Major [A. do Paço] mandou fazer umas *botas muito* jeitosas e *cómodas*. Só assim, porque com sapatos finos não se consegue fazer arqueologia ...”. (MNA/APMH/5/1/51/2. Nossos itálicos), pois, “... *em Vila Nova de S. Pedro dei cabo duns*, muito novos e para o fim já metiam terra incomodando imenso.” (*Ibid.* Nosso itálico). Experiência que a desperta para diversos aspetos práticos da investigação arqueológica que não serão apresentados no decurso das aulas teóricas em contexto universitário. Mas as duas semanas de trabalho de campo certamente intensas em VNSP, acrescidas das recolha e análise de dados essenciais à produção da tese de licenciatura, explicarão o estado de exaustão em que Maria de Lourdes se encontra antes de rumar a Marvão e mergulhar plenamente na fase final da tese. Por isso retempera diariamente forças e se exercita em longas caminhadas e demorados banhos de mar “Para armazenar energias que hei-de gastar no próximo ano lectivo tenho de me sujeitar a este “regime”. Graças a êle já estou mais gorda e sinto-me muito bem de saúde.” (*Ibid.*).

⁷ Dias antes, a 21 de setembro, Maria de Lourdes está em Lisboa “... para pôr o meu passaporte em ordem para poder atravessar a fronteira quando estiver em Marvão.” (*Ibid.*). Desconhecemos, contudo, ainda a razão desta possibilidade assim como a sua concretização e eventuais resultados dessa putativa travessia.

⁸ Maria de Lourdes visita ainda, no período de elaboração da tese, outras estações arqueológicas, a exemplo de Torre de Palma, Alter do Chão (onde, com A. do Paço, recolhe um fragmento de unguentário de barro em “Chões de Alpompé” – Paço *apud* Zbyszewski – Ferreira – Santos 49-51), Conimbriga e Santa Luzia. Percurso que nos concede um vislumbre dos territórios percorridos, ainda que desconheçamos de que modo o cumpre, que vias e meios utiliza, onde pernoita e quem a acompanha, como é expectável de uma jovem mulher solteira neste período da sociedade portuguesa.

⁹ A par de *inúmeras* antas em Beirã, Maria de Lourdes visita, ainda em Marvão, a ponte romana de Portagem e o Monte Velho Castelo do Corregedor Aramenha (AMMAIA) (MNA/APMH/5/1/51/3).

¹⁰ Noutro estudo dado à estampa também em 1952, mencionam sentir “... desgosto por ver que no recente e notável trabalho do Prof. da Universidade de Cambridge [John Grahame Douglas Clark (1907-1995)], Prehistoric Europe – The Economic Basis, não há referências aos seus achados em estações portuguesas, apes//sar de em estudos bastante anteriores ao aparecimento do volume se ter dado notícia delas. // A única alusão [...] é justamente para se pôr em dúvida o que nalguns autores vem referido.” (Paço e Arthur: 1952b, 10-11). Assunto que é debatido internamente na Associação dos Arqueólogos Portugueses, nomeadamente na sessão da Secção de Pré-história de 24 de abril deste mesmo ano na qual A. do Paço lamenta que a última publicação de Grahame Clark, *Prehistoric Europe: The Economic Basis* (1952) ignore a “... arqueologia portuguesa, chegando-se mesmo a pôr em dúvida os achados de milho painço da estação eneolítica de Pepim (Amarante), estudados pela Universidade do Porto.” (AH-AAP, *Actas da Secção de Arqueologia Pré-histórica* (22/02/1945-23/07/1956).. Sessão de 24/04/1952) (Martins 2005: 504).



2. O DESCERRAR DE UM NOVO CAMINHO E O ENCONTRO COM VNSP: 1952

De novo em Lisboa, Maria de Lourdes celebra a quadra natalícia de 1951 e finaliza a tese em menos de um ano e meio (novembro de 1950¹¹ e março de 1952), esforçando-se “por apresentar um trabalho conscienciosamente elaborado” (MNA/APMH/5/1/51/2) contido em 246 páginas e 65 estampas, entre as quais desenhos, alguns da sua autoria.

Transposto, porém, o novo ano e ainda que em antevésperas de entregar a versão final do seu já longo trabalho, continua atenta a novos achados de vestígios romanos no território nacional. Não surpreende por isso que, noticiada a 23 e 24 de janeiro e 1 de fevereiro de 1952, a descoberta de um túmulo romano lhe suscite curiosidade e se dirija ao local no dia 3. Aqui chegada, toma conhecimento de que fora transferido para o *Museu de Belém* cujo diretor lhe permite visualizá-lo pouco depois. Mas a jovem investigadora procura atualizar-se também de outro modo, percorrendo as páginas dos periódicos nacionais e locais em busca de informação que importe à área que elegera como sua. Por isso, assim que entrega a M. Heleno a primeira versão da tese para revisão geral, encontramos-a em Alcochete a 17 de março, observando e fotografando artefactos cerâmicos policromados recentemente encontrados de acordo com o noticiado na véspera pelo ‘Diário de Notícias’. Entretanto, em abril, acolhe na sua residência familiar, durante oito dias, uma *rapariga inglesa*, Margaret Smith, bolseira e assistente departamental de Christopher Hawkes (1905-1992)¹² (1905-1992) na Universidade de Oxford, e conhecedor da arqueologia em Portugal, para estudar o “vaso campaniforme” (*Ibid.*).

Entrementes, o prazo de entrega da versão final da tese aproxima-se velozmente. Apesar disso, Maria de Lourdes é convidada a apresentar uma comunicação na reunião de 1 de junho do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia (Lisboa, 1933) do qual é a sócia efetiva n.º 119. Trata-se do estudo comparativo que realizara sobre o balneário de Miróbriga e da classificação que propusera para os respetivos compartimentos, cumprindo assim parte da sugestão que M. Heleno lhe dirigira em tempos (*vide supra*)¹³.

Enquanto isto, faltam apenas dois meses para defender publicamente a tese.

Eis que chega o tão esperado dia. É 23 de julho, e “quasi não foi necessário defender-me pois o arguente, Dr. Bandeira Ferreira fez um elogio o mais possível tranquilizador, incitando-me a publicá-la.” Tem 28 anos de idade e o seu trabalho ‘A Romanização no distrito de Setúbal’ obtém 14 valores. Maria de Lourdes sente-se satisfeita, recompensada e motivada. Todavia, o excessivo custo editorial impede-a de publicar a tese na íntegra, como indicado pelo júri das provas, considerando o elevado número de páginas e de ilustrações nela contidos. Decide, por isso, dividi-la por tópicos que possam ser dados à estampa em diferentes revistas da especialidade, o que sucede, por exemplo na *Zephyrus* (Universidade de Salamanca, 1950) graças ao bom acolhimento do pré-historiador catalão Joan Maluquer de Motes (1915-1988).

Mas não basta prospetar, escavar, visitar, investigar, publicar e comunicar.

Curiosa, inquieta e determinada, Maria de Lourdes quer ser arqueóloga. Mas ser arqueóloga

¹¹ Entretanto, Maria de Lourdes não esquece o seu orientador de tese enquanto permanece em Cacilhas, possivelmente na residência dos pais, “Cumprimentando o seu Mestre com respeito e gratidão neste Natal de 1950, deseja, bem como a Sua Fa.ª, um Novo Ano como resposta às mais santas aspirações, a aluna Maria de Lourdes C. Arthur // [assi.] 23-XII-50.” (PT/Museu Nacional de Arqueologia/Arquivo Pessoal de Manuel Heleno [MNA/APMH]/5/1/51/1). Ademais, a amizade e gratidão expressadas por Maria de Lourdes relativamente a M. Heleno revelam-se noutros aspetos. Desde logo, através de amizades comuns e, depois, pelo pedido que M. Heleno lhe dirige para indicar quem possa *ir para o Museu como preparador*, numa prova inequívoca da confiança que nela deposita (MNA/APMH/5/1/51/2).

¹² Ch. Hawkes conhece bem a arqueologia em Portugal, sobretudo no norte do país, procurando posteriormente, em 1959, um sítio nas cercanias de Viana do Castelo onde uma missão de arqueólogos ingleses, por ele coordenada, pudesse realizar escavações em setembro, recaindo a escolha na Cidade de Âncora e no monte do Cútero (*Conimbriga* 1959: 150).

¹³ Em 1954, acompanhados do arquiteto Vaz Martins, da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1929), Maria de Lourdes e A. do Paço procedem a uma visita a Miróbriga preparatória das escavações que, a pedido deste organismo estatal, dirigirão nesse ano e no subsequente, colocando “... a descoberto o lagedo da rua que servia de acesso ao balneário, desde a acrópole.” (Arthur 1983: 51) através da abertura de trincheiras, *num total de 7* (Id.: 52).

nos anos 50 em Portugal significa, na melhor das hipóteses, trabalhar num museu ou ser docente universitária. De contrário, há que abraçar o ensino liceal ou primário. Não parece, todavia, que ambicione a docência ou os corredores académicos. Pelo menos, na sua versão universitária. O que a seduz é o trabalho de campo e de laboratório, assim como o de museu. Ademais, é a própria quem nos indica o seu objetivo último: ser diretora de um museu, de preferência arqueológico. Trata-se, porém, de uma função que exige, para alguém ilustrado e ambicioso, conhecimentos holísticos, saberes múltiplos e abordagens interdisciplinares. Maria de Lourdes está ciente disso. Até porque é discípula de M. Heleno herdeiro de José Leite de Vasconcelos (1858-1941) que confluía em si e no museu que dirigira múltiplos interesses e valências científicas adquiridos ao longo dos anos. Mas outras individualidades geram ascendente sobre esta vontade e decisões futuras de Maria de Lourdes. Entre elas, figuram João Couto (1892-1968), pedagogo, historiador de arte, museólogo e diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), entre 1938 e 1962, que procura modernizar o cenário museológico português, adequando-o, tanto quanto possível, ao movimento de popularização cultural e educativa registado na Europa sob o signo de teorias anglo-saxónicas e debates gerados no seio da *Conferencia Internacional de Museos* (Madrid, 1934) (Costa 2012).

Estamos em pleno verão de 1952. Maria de Lourdes tem um objetivo muito claro e desenha uma estratégia com vista à sua concretização: concorrer a *Conservadora dos Museus do Estado* (= Museus Nacionais).

Mulher, solteira, liberal (porém católica) e apesar de envolvida em importantes redes de contacto essenciais à realização deste seu objetivo profissional, Maria de Lourdes não pode deixar de reconhecer a imprescindibilidade de fortalecer traços da sua personalidade, como o entusiasmo, a determinação e o rigor científico. Mas há que ir mais longe e adquirir conhecimentos, instrumentos e recursos indispensáveis à conquista do sucesso desejado¹⁴. Num Portugal ainda pouco acostumado à presença ou, melhor, ao protagonismo de mulheres na esfera da investigação científica (Martins 2013 e 2014), Maria de Lourdes sobressai pela convicção e tenacidade, perseguindo o seu plano apesar da sua condição feminina. O ambiente familiar que lhe é mais próximo não será estranho a estes seus desideratos e à própria firmeza do projeto de vida que define para si mesma. Residindo numa localidade – Cacilhas –, conhecida pelos seus círculos liberais, republicanos e progressistas reunidos em sessões promovidas pelo *Rotary Club* de Almada, Maria de Lourdes pertence a um núcleo familiar que lhe permite cursar o Colégio Parisiense em Lisboa, aprender idiomas, tirar o Curso Geral de Piano e inscrever-se ao concurso de admissão ao Conservatório Nacional para os três anos do Curso Superior que abandona para ingressar na FLUL.

Maria de Lourdes sabe o que quer e como alcançá-lo, mercê também do conhecimento reunido sobre atores, instituições e projetos de referência no tema de investigação que elegera. Sabe o que pretende para o seu futuro, e o que pretende não encontra no território nacional. Terá, ademais, noção das reduzidas possibilidades de alcançar no seu país o que almeja profissionalmente. Mas nada parece impedi-la de procurar além-fronteiras a especialização em *Arqueologia e Arte romana em geral* e o estudo das influências *grega e etrusca na Arte romana*. Por isso deseja concorrer a uma bolsa de estudo do Governo italiano para o ano letivo de 1952-1953, ao qual prevê suceder um ano de aprofundamento sobre a *arqueologia e arte romanas da Antiga Lusitânia*. Por isso dirige um plano de trabalhos ao Instituto de Alta Cultura (1952-1976) (Rollo *et al.* 2012; Martins 2016), que “não se tem poupado a esforços para atender aqueles que na realidade e desinteressadamente anseiam dar o máximo do que são capazes” (IC-IAC. Docs. 3/6. 05.11.1952).

Para satisfazer estes objetivos, Maria de Lourdes pretende estadejar em Roma. Aqui trabalharia sob a direção do catedrático de arqueologia e história de arte antiga da Faculdade de Le-

¹⁴ Neste contexto não deixa de ser interessante o facto de colaborar, com a rubrica ‘Retalhos Históricos’, na segunda edição (1954-1974) do católico ‘Jornal de Almada’, fundado e dirigido pelo padre Manuel Marques (1921-2007), para o qual escreveriam opositoristas almadenses ao regime político vigente no país, como Romeu Correia (1917-1996) e Alfredo Canana (1935-2000). Nada, contudo, que pareça surpreender da parte de uma jovem católica praticante que dirigira um grupo polifónico na Igreja Paroquial de São Tiago, em Almada (<https://ruascomhistoria.wordpress.com/>).

tras e Filosofia da Universidade de Roma, Giglioli Guilio Quirino (1886-1956), e no *Instituto di Archeologia e Storia dell'Arte* antes de rumar a Florença para estagiar no *Opificio delle Pietre Dure* (1932)¹⁵ por considerá-lo “superior, no assunto a que me refiro, ao Instituto Central do Restauro em Roma, dirigido pelo Prof. Brandi¹⁶ que já tive ocasião de ouvir numa conferência”, tomando ali contato com os “cuidados e fases dedicados à extração e restauração de mosaicos.” (MNA/APMH/5/1/51/3).

Programa de trabalhos revelador do modo como está atualizada em relação à matéria que mais lhe importa, fruto de muitas leituras, conversas e observações. Mais do que isso, o seu conteúdo desvela alguém que não pretende ser uma arqueóloga mais entre as muito poucas que existem no país. O conteúdo do programa diz-nos que Maria de Lourdes deseja ser uma arqueóloga irrepreensível graças à formação a obter junto das maiores referências, possivelmente por saber quão difícil será o caminho na sua condição feminina. Assim se entende que, após a estada em Itália e munida dos conhecimentos essenciais, pretenda deslocar-se ao Vale do Ródano e fixar-se em França onde, em Paris, se inscreveria no *Collège de France* em “História da Civilização Romana” lecionada por André Piganiol (1883-1968) e em “Epigrafia e Antiguidades Gregas” ministrada por Louis Robert (1904-1985), cursos que reconhece serem *bastante difíceis*: “Penso que depois dum estágio em Roma serei competente de acompanhar os difíceis programas seguidos neste Colégio de fundação quinhentista.” (*Ibid.*). E “como tenho sempre em mente acompanhar os estudos teóricos de práticos, trabalharia simultaneamente no “Institut d'art et d'archéologie” onde se estuda Arqueologia clássica com o insigne Professor Picard.” (*Ibid.*)¹⁷.

Após França, seria a vez de Espanha onde, em Madrid, pretende trabalhar sob a orientação do arqueólogo, historiador de arte e professor universitário António Garcia y Bellido (1903-1972) (Schattner, 2005), no *Instituto de Arqueología y Prehistoria “Rodrigo Caro”* (Madrid, 1951) do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC) (1939) e assistir ao seu curso de “Arqueologia Clássica”: “Quer dizer, primeiro iria para o Centro da civilização romana e depois seguiria um dos itinerários dos antigos filhos do Lácio até às Gálias e á Hispania (Romana Provincial) e nestas estudaria os reflexos daquela tão brilhante cultura.” (MNA. Idem).

Trata-se de um programa de formação que lhe permite corporizar o seu objetivo nuclear, aliando teoria à prática: ocupar, um dia, e como já mencionado, *o cargo de Conservadora dum Museu de Estado*, “... pelo que todos os museus estrangeiros serão visitados por mim com muita atenção e informar-me-ei dos mais modernos processos de catalogação, conservação e disposição material, modelo de vitrinas, iluminação, etc., etc.” (*Ibid.*).

Mas não é suficiente obter o apoio incondicional da família mais próxima para cumprir esta sua aspiração. Não num país profundamente conservador, patriarcal e paternalista, esteado na ideologia totalitária do ‘Estado Novo’ (Martins 2019). Torna-se fundamental reunir apoios em forma de cartas de recomendação, mormente de professores universitários, a exemplo dos já citados M. Heleno e Tavares Chicó, obreiro, juntamente com João Couto, da sua vontade de se especializar no estrangeiro. Margaret Smith (*vide supra*) é outra das autoras destas recomendações, permitindo assim conferir uma tônica internacional ao seu pedido que não é despidendo. Não menos importante neste processo, deparamo-nos com a assinatura de A. do Paço com quem vem colaborando e cuja amizade será de extrema importância perante a negação da bolsa para cursar na Universidade de Roma.

Com efeito, segundo A. do Paço, Maria de Lourdes não desanima, propondo-se mesmo “... ir para Madrid trabalhar com o prof. G. Bellido, no proximo ano lectivo, á sua custa.” (IC-IAC. Lv. 3. Fls. 175. Proc. 5367. 1.º vol. Doc. 2. 23.09.1952). Por isso decide interferir dirigindo uma carta-referência ao IAC, a 23 de setembro de 1952, a partir de VNSP onde se encontra em campanha ar-

¹⁵ Maria Lourdes terá conhecimento do trabalho desenvolvido em Portugal por uma equipa deste Instituto, graças à iniciativa de M. Heleno, nomeadamente nos sítios romanos de Torre de Palma e Conímbriga no Verão de 1951 (Abraços 2017: 47).

¹⁶ Trata-se de Cesare Brandi (1906-1988), professor universitário, crítico de arte e musicólogo, a quem se deve a organização, em 1938, *Instituto Centrale del Restauro de Roma*, que dirige desde 1939.

¹⁷ Refere-se ao historiador e arqueólogo Charles Picard (1883-1965), diretor do *l'Institut d'art et d'archéologie*, entre 1937 e 1961.

queológica com a própria Maria de Lourdes (*Ibid.*). Apesar de reconhecer que seria melhor *ir para Itália*, compreende que terá de *contentar-se com Madrid* (*Ibid.*). Questiona, no entanto, a direção do IAC sobre a possível equiparação a bolsista da jovem arqueóloga para agilizar a sua matrícula em Espanha, enquanto procura consolidar o seu nome junto de prestigiadas instituições académicas portuguesas, a exemplo do Instituto de Coimbra (1852) da respetiva Universidade (UC). Referindo-se a Maria de Lourdes como sua *colaboradora*, A. do Paço deseja propô-la *para sócia* pois “Escusado será dizer a V. Ex. [Anselmo Ferraz de Carvalho (1878-1955)¹⁸] que é uma investigadora que certamente *se notabilizará na Arqueologia*.” (Paço *apud* Matos 2019: 40. Nosso itálico). Com efeito, acaba por ser nomeada sócia correspondente nacional em 1953.

Não é certamente fortuita a referência feita por A. do Paço a Maria de Lourdes como sendo sua *colaboradora*. A par dos métodos de trabalho de campo¹⁹ e de gabinete, a jovem arqueóloga acompanha e aprofunda a proximidade desenvolvida por A. do Paço a outras ciências, mormente naturais, para um entendimento mais estreito das realidades encontradas no decurso das escavações. Competirá, no entanto, “... depois ao arqueólogo, com os elementos recebidos, elaborar a obra de conjunto.” (Paço e Arthur 1952a: 39), sendo fundamental que o Estado crie as condições necessárias à formação de *cientistas capazes de em íntima colaboração com os pré-historiadores* reunir os dados passíveis de promover o *estudo das populações que nos precederam* (Paço e Arthur 1952b: 17). Colaboração que é traduzida, por exemplo, nas análises a *elementos metálicos* colhidos no sítio realizadas pelo engenheiro Amílcar Mário de Jesus (1895-1960), do Instituto Superior Técnico (Paço e Arthur 1952a: 34), pois,

Na escavação deste castro não tem para nós interesse o número de objetos recolhidos com que possamos *enriquecer as estantes de um museu*, mas sim a *resolução dos complicados problemas que a cada passo nos surgem*. // *A arqueologia de hoje tem de sair da fase de recolha e catalogação de materiais para simples exposição*. Necessita de *lançar mão de todos os processos da técnica, trabalhar conjuntamente com os outros ramos do saber humano* que, no campo das suas especialidades, se debruçam sobre o espólio vindo do seio da terra [...] de modo a *reconstituir-se*, na medida do possível, a *vida daqueles que nos precederam* [...]. // *E que a arqueologia, pela sua complexidade, mais do que ninguém, necessita da colaboração das outras ciências*²⁰

(Paço e Arthur 1952a: 38. Nossos itálicos)

As diligências de A. do Paço para que a bolsa fosse atribuída a Maria de Lourdes surtem efeito, possivelmente pelo apoio conferido pelo seu amigo de longa data, Garcia y Bellido. Pouco depois, é a própria a dirigir-se à presidência do IAC (IC-IAC. Lv. 3. Fls. 175. Proc. 5367. 1.º vol. Docs. 3/6. 05.11.1952)²¹ confirmando a sua vontade de se especializar, “durante 1 ano (renovável) em Arqueologia e Arte romanas em geral e aplicadas à Lusitânia Antiga em particular; influências grega e etrusca na Arte e ainda assuntos relacionados com Museus, em Espanha” (*Ibid.*), considerando “o convite gentilíssimo do ilustre catedrático da Universidade de Madrid, Prof. A. Garcia y Bellido, que tenho a honra de conhecer” (*Ibid.*) que a desafia a trabalhar e a publicar um trabalho sob a sua orientação. Por isso,

¹⁸ Presidente do Instituto, docente de geologia, diretor de vários equipamentos científicos e vice-reitor da UC.

¹⁹ Apesar dos métodos desenvolvidos noutros países, nomeadamente em contexto anglo-saxónico, privilegia-se ainda a escavação de trincheira neste povoado (assim como noutros sítios, a exemplo de Miróbriga): “... se prolongou para o norte uma *trincheira* aberta por Hipólito Cabaço em 1936 [...]. // Em 1952, ao alargar-se para a direita a referida trincheira e ao aprofundar-se um pouco” (Paço 1957: 5).

²⁰ No ano seguinte, A. do Paço e Maria de Lourdes darão nota dos *estudos laboratoriais* efetuados pelo engenheiro-agrónomo António Rodrigo Pinto da Silva (1912-1992) sobre amostras de sementes recolhidas no sítio (Paço e Arthur 1953: 1-51). Trata-se, no entanto, de uma busca de colaboração que não é inédita em VNSP e prosseguirá ao longo de vários anos (Ribeiro 2013: 32-34).

²¹ Interessante verificar que Maria de Lourdes dirige missiva de conteúdo similar a M. Heleno no mesmo dia, 5 de novembro de 1952 (MNA/APMH/5/1/51/3).



Se o Instituto de Alta Cultura achar conveniente satisfazer a boa-vontade do Prof. Bellido irei primeiro para Espanha onde, trabalhando *com todo o entusiasmo conseguirei provar que não foi em vão* que o referido Instituto se interessou por mim, pelo que *não terá dificuldade em me conceder Bolsa para a Itália* e depois da boa informação do distinto Prof. Bellido (MNA/APMH/5/1/51/3)

Obtém, por fim, a bolsa do IAC (Martins 2016) para se fixar na capital espanhola²². Nada, todavia, que a faça esquecer a importância de Itália neste seu projeto, remetendo para um momento posterior a permanência em Roma.

Mas todo este plano de trabalhos tem um objetivo concreto mais imediato. Com efeito, depois de percorrer o *triângulo – Itália, França e Espanha*, Maria de Lourdes pretende, já em Portugal, e a par da continuação da escavação do balneário de Miróbriga e “fazer sondagens para pesquisa da urbe e do circo, do qual dizem haver vestígios num campo que eu visitei, mas que na altura estava cultivado” (*Ibid.*), escavar a,

importante AMMAIA (Aramenha-Marvão), identificada por Leite de Vasconcellos, o que é aguardado com vivo interesse por arqueólogos nacionais e estrangeiros. Tal exploração virá trazer avultados conhecimentos no que diz respeito às vias que por certo servem de ligação à que vai ter a Mérida, e que por ali passam. Quando visitei o local, verifiquei a existência do Peristylum, dum pano de muralha e de inúmeras colunas dispersas por várias casas de particulares, bem como inscrições etc.

(*Ibid.*)

Maria de Lourdes começa a cumprir assim parte do seu objetivo, ou seja, o de se especializar em arqueologia no estrangeiro (Martins 2016). Para trás, deixa um país que lhe parecerá limitado para o que pretende. Embora o destino imediato não seja o almejado (Itália), Espanha marcará para sempre o seu destino, desenvolvendo no seu território, entre janeiro e setembro de 1953, múltiplas atividades de aprendizagem e convivência científica com o maior desvelo e regozijo, certamente também pelo muito que lhe podem aportar para o alcance do seu desejo profissional já em solo português (Martins 2016).

3. O REENCONTRO COM VNSP

No início de setembro deste ano de 1953, Maria de Lourdes regressa a Lisboa procedente de Madrid (Martins 2021), sentindo-se fisicamente esgotada por uma sucessão de cursos frequentados, materiais estudados, artigos escritos, comunicações orais apresentadas, escavação coordenada e visitas realizadas.

Chega à gare de Santa Apolónia na manhã de 7 de setembro. Há muito que não está com os seus familiares mais próximos. Por isso decide passar dois dias em sua casa. Dois dias que lhe permitem retemperar forças. No dia 9, parte no comboio das 16h30 com destino a Azambuja de onde a conduzem até às imediações de VNSP onde permanecerá 17 a codirigir a escavação com A. do Paço (Martins 2019).

Ainda é escasso o nosso conhecimento dos procedimentos diários de Maria de Lourdes nesta campanha. É, no entanto, plausível que mimetize os adquiridos em Espanha, utilizando materiais necessários ao registo minucioso das realidades encontradas no terreno, como *apontamentos de campo* contendo as mais diversas observações (Paço e Arthur 1952b: 6). Além disso, prima por ultrapassar dificuldades, como em VNSP onde se depara com um conjunto de trabalhos – nas suas palavras –, *sempre absorventes e sobrecarregados de problemas* (IC-IAC. Idem. 18.09.1953), prosseguindo a orientar a escavação “no sentido da procura de muralhas e reconhecimento do

²² A julgar pelas palavras de A. do Paço, a atribuição da bolsa é-lhe comunicada algo extemporaneamente, pois tem de interromper a preparação de “... um estudo sobre o neolítico no distrito de Setúbal” para *fazer as malas* de modo a *seguir imediatamente para Madrid*.” (Paço *apud* Matos 2019: 41).

forno” (Paço 1958: 71) e a distribuir a equipa de trabalho por estas duas áreas. Enquanto isso, e “Por amável aquiescência do nosso amigo Hipólito Cabaço”²³, visitam uma indústria tradicional de produção cerâmica localizada a escassos quilómetros do castro para a comparar à estrutura encontrada (Paço 1958: 72) e continuam a fruir da colaboração de outras ciências, recolhendo-se,

bastantes carvões vegetais que estavam sobre o lar do forno e que, devidamente acondicionados conforme instruções recebidas do nosso amigo Dr. Bruce Howe,²⁴ da Universidade de Harvard, foram enviados por intermédio do adido cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América em Lisboa para aquela universidade americana, a fim de sobre eles se proceder a análises do C-14, operação de que se encarregaria o Prof. Movius. // Outros carvões, por indicação do Prof. Carlos Teixeira²⁵, da Faculdade de Ciências de Lisboa, foram entregues a uma cientista da capital para determinação das espécies vegetais²⁶

(Paço 1958: 78)

Interessante constatar que, especializando-se no período romano, Maria de Lourdes incorpore desde cedo (*vide supra*) equipas de escavação de sítios pré e proto-históricos, como no caso de VNSP, afirmando que “Todos os meus trabalhos publicados, se excetuarmos os de Vila-Nova-de-S. Pedro, têm sido relativos a esta circunscrição administrativa [Emerita Augusta].” (IC-IAC. Idem Doc. 10. 17.11.1953). As razões desta particularidade do seu percurso serão várias, mas não excluimos o sobrepeso da escassez de escavações arqueológicas no território português de sítios atribuíveis ao período romano. Por outro lado, o afastamento com relação a M. Heleno ajudará a compreender parte desta situação. A personalidade independente de Maria de Lourdes e o programa de trabalhos que vai delineando pouco se adequarão à vontade do seu antigo professor e orientador, sobretudo considerando a sua condição feminina²⁷.

Entretanto, Maria de Lourdes manifesta a intenção de obter o grau de doutoramento com base num sítio arqueológico cuja escavação organizará. Os conhecimentos e a experiência adquiridos em Espanha conferem-lhe a segurança necessária para esse efeito.

Não surpreende, por conseguinte, que, terminada a sua colaboração em VNSP neste ano, Maria de Lourdes pretenda seguir para Aramenha para escavar Ammaia, sítio “de grande interesse internacional e, segundo opinião do Prof. Bellido, cidade romana superior a Conimbriga”

²³ H. Cabaço (1885-1970), lavrador e comerciante da região de Alenquer e arqueólogo amador, a quem se devem importantes descobertas e relocalizações, como o caso de VNSP, em 1936 (Raposo 2000: 14).

²⁴ Bruce Howe (1912-2012), pré-historiador, antropólogo e professor norte-americano.

²⁵ Carlos Teixeira (1910-1982), geólogo, professor, vogal da Junta de Investigações do Ultramar e dirigente do Laboratório de Estudos Petrológicos e Paleontológicos.

²⁶ No ano anterior, A. do Paço escrevera que “Outros [carvões] foram confiados ao *Laboratório da Direção Geral dos Serviços Florestais*, por amável gentileza do Ex.º Diretor Geral, eng.º agrónomo *Filipe Frazão*, para determinar as espécies empregadas.” (Paço 1957: 10. Nossos itálicos).

²⁷ Outros exemplos existirão que parecem corroborar esta situação, como o de Irisalva Moita (1924-2009) (Senna-Martínez e Martins 2021). Nada, porém, que obste Maria de Lourdes de continuar a cultivar amizade com M. Heleno, como se depreende das palavras de boas festas que lhe dirige no Natal de 1952, em antevésperas de viajar até Madrid como bolsista do IAC (*vide supra*). Além da sua profunda fé católica, encontramos nesta sua escrita uma necessidade quase premente de reiterar gratidão a quem lhe norteara os primeiros passos na arqueologia, mesmo que o tom conferido denote uma equidistância pouco compatível com a cumplicidade emanada de correspondência anterior: “Preparemos a nossa alma neste Natal, para que nos tornemos dignos de seguir a estrela que, há 2000 anos, guiou os três reis magos até ao Santo Presépio!... Como proceder? Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos... *Pode contar com a amizade pura da discípula de V. Ex.º* que pede a Deus, derrame no espírito do seu Mestre as mais productivas bênçãos.” (MNA/APMH/5/1/51/4. Nossos itálicos). Independentemente dos esforços que possa ter envidado, parece não existir correspondência pessoal trocada entre ambos após esta última missiva. Não obstante, o aprofundar da colaboração com A. do Paço pode ajudar também a compreender este gradual afastamento, considerando alguns desagravos instalados entre os dois arqueólogos seniores, mormente após a polémica instalada no início dos anos 30 com a legislação para a área arqueológica (Martins, 2008). Assim se entenderão, por exemplo, as críticas levantadas por M. Heleno ao momento de realização das escavações em Miróbriga: “... a ser verdade [...] lamenta o Vogal, que em terreno argiloso, depois das chuvas do Outono, se iniciem escavações.” (ANTT/JNE/2.ª Subsecção. 19/11/1955).



(*ibid.*). Propósito que não concretiza. Situado em terreno privado, a condessa de Monsaraz impede a sua exploração. Desanimada, mas não derrotada, Maria de Lourdes desiste por ora, conquanto seja *um tema inédito que reservo para a minha tese de doutoramento*. Além disso, a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1929) ter-lhe-ia garantido a direção dos trabalhos (IC-IAC. Idem. Doc. 21. 28.09.1953). Entretanto:

tomarei a direção das escavações [...] das de Meróbriga (Santiago-do-Cacém), duas estações de grande interesse peninsular. A minha Tese de Licenciatura pode considerar-se uma útil contribuição para o trabalho que quero empreender pois nela estudo o distrito de Setúbal, desde o paleolítico ao romano e ele está, como sabemos, incluído naquela Província [Emerita Augusta]
(IC-IAC. Idem. Doc. 10. 17.11.1953)

4. VNSP E UM PROJETO PARA A ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

Antes, porém, de iniciar o projeto de doutoramento, Maria de Lourdes solicita a renovação da sua bolsa em Madrid por continuar interessada em “fazer o estudo da Lusitânia antiga conforme o meu plano geral e para isso devo começar pela capital da mesma – Emerita Augusta (Mérida) [...]. Resultará assim uma obra sistemática indispensável para o conhecimento de Lusitânia antiga.” (*ibid.*). Mas a renovação da bolsa exige a entrega, até final de 1953, de um relatório circunstanciado dos trabalhos desenvolvidos até ao momento.

Documento que, a par de outros detalhes relativos à sua estada em Espanha, inclui propostas concretas para o desenvolvimento da arqueologia em Portugal. Desde logo, a criação de um ‘Centro’ de investigação certamente inspirado no CSIC que conhece bem.²⁸ ‘Centro’ que deverá realizar *Cursos Internacionais de Pré-História e Arqueologia*, à semelhança dos de Ampúrias, cuja edição de 1953 integrara por sugestão de Garcia y Bellido e autorização do IAC [Fundação Mário Soares. Nossos itálicos]. Mais do que isso, propõe VNSP como sítio de reunião de um desses ‘Cursos’, “pois os problemas que ali surgem são inúmeros e além disso pode chamar-se uma cultura-tipo [campaniforme] à que está representada nesta estação.” (IC-IAC. Idem. Doc. 10. 17.11.1953).

Ideia que detalha ao ponto de transmitir ao Ministério de Obras Públicas (Edifícios e Monumentos Nacionais) a necessidade de erguer um edifício amplo nas imediações do sítio para *albergar os cursistas com relativa comodidade* e acolher um laboratório devidamente apetrechado, “pois não se pode continuar a deixar o material em casa do capataz como o que ali se encontra reunido, ou seja, disperso, desde 1936 sem a mínima indicação e em caixotes, muitos deles já rebentados!...” (*ibid.*). Dificilmente alvitriaria de outro modo quem, como vimos, assinala trabalhos de campo *sempre absorventes e sobrecarregados de problemas (vide supra)*. Rigorosa, adquirira em Espanha a teoria e a prática que sabe faltarem a quem, como ela, ambiciona especializar-se para dirigir escavações e museus de arqueologia com propriedade e segundo os mais recentes parâmetros internacionais de atuação.

Para Maria de Lourdes, como para outros (muito poucos, ainda) jovens arqueólogos no país, como João M. Bairrão Oleiro (1923-2000), também ele bolseiro do IAC em Madrid, o amadorismo arreigado a métodos de trabalho desusados e a ultrapassadas leituras histórico-culturais não pode continuar a imperar na arqueologia portuguesa sob pena de não ingressar nos mais rigorosos círculos de produção de conhecimento científico internacional. Posição que parece reunir consenso junto de arqueólogos conterrâneos, a começar pelo próprio A. do Paço para quem, secundando colegas mais jovens, “De há muito que se *impõe um plano nacional de estudos arqueolo-*

²⁸ A lógica de criação de espaços similares faz-se notar noutras ocasiões do percurso de Maria de Lourdes. Dois anos depois, a propósito da constituição dos arquivo e biblioteca municipais de Almada, defenderá a criação de um Centro de Investigação Histórica e Arqueológica Regional anexo aos mesmos, “... o qual funcionará em regime de seminário á imagem do que se faz em Universidades Espanholas e em escala reduzida nalgumas das nossas. Este Centro encarregar-se-há de organizar e fornecer o arquivo Fotográfico ...” (AHCMA/CMAAA. 05/07/1955: 31-33. Nosso itálico).

lógicos [...] uma escavação arqueológica [...] nunca ela poderá ser confiada à picareta de um curioso, mas tão somente a um especialista que a saiba compreender. (Paço e Sangmeister 1956: 113).

Para esta jovem culta e perseverante, o incremento e prestígio da arqueologia praticada por portugueses no país exige olhar para fora das nossas fronteiras e acompanhar os debates teóricos e os métodos gerados no seio das principais escolas arqueológicas europeias, principiando por algo aparentemente tão simples, porém fundamental, quanto o registo correto e pormenorizado da localização dos artefactos escavados e subsequente acondicionamento adequado²⁹. Por isso, Maria de Lourdes propõe que, no caso de VNSP, e “Até se conseguir a *casa-laboratório* deixa-se o material dentro de caixotes devidamente fechados e com a *indicação exterior e interior dos estratos* a que nos referimos no levantamento que fiz a *papel milimétrico*” (IC-IAC. Idem. Doc. 10. 17.11.1953. Nossos itálicos)

Mas Maria de Lourdes endurece o tom, criticando os trabalhos conduzidos em VNSP por lhe parecerem desorganizados³⁰. Uma desordenação não ciente, antes resultante de um amadorismo voluntarioso ainda presente na arqueologia em Portugal. Singularidade decorrente de uma geração conhecedora dos avanços da ciência arqueológica e da importância da colaboração científica em arqueologia, porém inapta na sua apreensão e aplicação plenas e corretas. Não obstante, ou justamente por disso, A. do Paço procura reiteradamente a colaboração de Maria de Lourdes a quem se fica a dever o término, em VNSP, dos (Figura 2),

*horríveis “cemitérios” que eram montes de material “menos bonito” que era “selecionado” pelas mulheres que trabalham no crivo. Agora estas têm instruções para recolherem tudo o que é obra humana e só depois de tudo, sem exceção, ser bem lavado é que procedo à classificação*³¹

(*Ibid.* Nossos itálicos)

Exigência que A. do Paço não subestima. Ao contrário, valoriza e continuará a valorizar, não sendo difícil aceitar que Maria de Lourdes contribui para esta sua assunção, a ponto de fazer divergir, sem hesitação, etnografia da *etnofantasia* (Paço, 1960-61: 168), “Levados pelo *rigor científico* de que sempre usamos...” (Id.: 8). Maria de Lourdes contribuirá para fundamentar outras asserções, designadamente a da relevância do contributo de outras ciências para o conhecimento do

²⁹ Procedimento que Maria de Lourdes continuará a advogar, nomeadamente junto de outro organismo público, a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia de Almada (CMAAA) (*vide infra*), considerando essencial percorrer o território em demanda de vestígios do passado, registando-os e assinalando-os em carta militar, nomeadamente com recurso à fotografia. Quanto à atividade arqueológica, entende dever-se proceder “... a sondagens para [...] obter-se a almejada *classificação cronológica* e enquadrá-la na *divisão sistemática da ciência arqueológica*. Segundo: Feito este reconhecimento empreender-se as *escavações metódicas*.” [Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Almada/Atas da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia de Almada (AHCMA/ACMAAA). 08/03/1955: 6. Nossos itálicos].

³⁰ Desorganização aparente que é contrária aos ensinamentos adquiridos, entretanto, e que manifesta pouco depois de chegar a Madrid pela primeira vez. Com efeito, na já citada missiva endereçada a Tavares Chicó (veja-se nota 8 deste texto), Maria de Lourdes refere estar “... reunindo elementos para a datar [máscara da necrópole de Alcácer-do-Sal] o que tem sido muito difícil pela impossibilidade de *reconstituir o “ambiente” em que ela apareceu e do qual fazia parte*, devido às *escavações descuidadas* que se fizeram de início.” [1953], Fundação Mário Soares, Idem. Nossos itálicos]. Exibi-los-á, de igual modo, em modelos de fichas que concebe para ulterior adoção pela Biblioteca Municipal de Almada (AHCMA/ACMAAA. 24/03/1955: 15) ou, ainda, na orientação que o presidente da autarquia almadense lhe dirige para que, com “... o seu melhor carinho e boa vontade para mandar proceder, sobre a sua orientação, à limpeza e arquivo adequado de taes documentos [livros e manuscritos de propriedade camarária].” (Id. 11/04/1955: 23).

³¹ As críticas negativas parecem não ser dirigidas apenas aos trabalhadores contratados sazonalmente e surgem antes mesmo da experiência espanhola de M. de Lourdes. Em postal dirigido a M. Heleno, a partir de VNSP, a 19 de setembro de 1952, escreve-se, em letra que parece ser de M. de Lourdes (a carecer de confirmação) o seguinte, possivelmente a propósito da descoberta do ‘forno’, a *nova obra de arte* (Paço, 1957: 7): “Encontramo-nos aqui desde o dia 10 e as escavações têm seguido com todo o rigor arqueológico. O dia de ontem foi assinalado com uma descoberta única (segundo nos parece) no País. Está de parabéns a Arqueologia Nacional e penso que o Sr. Prof. se associa à nossa grande alegria!... Não imagina como trabalhamos intensamente, mesmo sob o sol mais quente não abandonamos um só instante. *Não podemos confiar no pessoal, ainda que perito!*. Afectuosamente a MLourdesArthur // *Os melhores cumprimentos do Afonso do Paço.*” (MNA/APMH/5/1/551/32. Nosso itálico).





Figura 2 – Maria de Lourdes de Costa Arthur em Vila Nova de São Pedro [Arquivo pessoal de Ana Cristina Martins].

passado: “... procurando ler *naquela página* preciosa que se deparava aos nossos olhos, quanto a *Natureza* nos conservara até agora, relativo aos *antepassados* eneolíticos que ali viveram.” (Paço 1957: 7. Nossos itálicos).

A análise negativa de Maria de Lourdes vai mais longe, ao discordar da contratação sazonal de mulheres para crivar e selecionar materiais porquanto, “Sem conhecimentos de arqueologia, o resultado pode ser desastroso para a ciência. Trata-se de uma tarefa que, como muitas outras, deve ser executada com competência, por um arqueólogo. Uma tarefa que decidi assumir pessoalmente para evitar maiores perdas.” (IC-IAC. Idem)

É, em todo o caso, uma apreciação que revela uma isenção pouco comum. Isenção que não sabemos ainda se é sustentada no desconhecimento que terá das eventuais consequências das palavras proferidas, na firmeza das suas afirmações, no apoio que terá de quem avaliará o seu relatório ou se de uma profunda ingenuidade relativamente ao meio onde vive e convive. Trata-se, em todo o caso, de um documento interno passível de ser lido apenas por quem a direção do IAC entender. Maria de Lourdes tem noção disso. Mas também sabe que a informação circula entre pares, mormente quando, mais do que se conhecerem, são correligionários e, por vezes, amigos. Por isso, mesmo sendo um relatório confidencial, existe a forte possibilidade de A. do Paço e M. Heleno acederem ao seu conteúdo. Circunstância que seria deveras embaraçosa, não apenas para a autora, como para os próprios arqueólogos seniores que hesitariam entre uma interpretação de deslealdade ou de absoluta independência de pensamento quanto à sobreposição dos interesses da ciência sobre os demais.

A proximidade de A. do Paço a dirigentes do IAC parece admitir esta possibilidade. Mas, se toma conhecimento do conteúdo, parcelar que seja, do relatório, ou se até o alimentara para reforço das suas exigências de maiores recursos humanos e materiais destinados às escavações que dirige, reencontramos A. do Paço a apoiar a renovação da bolsa de estudos de Maria de Lourdes para Madrid e com ela a dirigir as escavações de Miróbriga nos dois anos subsequentes³².

³² A 23 de outubro de 1954, a 2.ª subsecção da Junta Nacional de Educação, aprecia o desenrolar da escavação em Miróbriga, referindo a receção de um ofício da Direção Geral da Fazenda Pública informando que Maria de Lourdes ali realiza escavações e questionando se as mesmas estão autorizadas pela JNE, desconhecendo, por conseguinte, que a AAP iria proceder a trabalhos em Miróbriga, “... conforme a autorização já concedida em anos anteriores para essa e outras estações arqueológicas.” (ANTT/JNE/2.ª Subsecção. 23/10/1954).

Independentemente dos pormenores deste processo que desejamos descortinar a breve trecho, Maria de Lourdes tem capacidade, determinação e autoridade suficientes para tomar decisões no terreno, algumas das quais fixadas em fotografias. Nelas, vemos uma jovem arqueóloga motivada, empenhada e resoluta, mercê de uma sólida formação científica e da autonomia de funções que A. do Paço lhe atribui no terreno na sequência de uma colaboração que tem sido profícua³³, em especial sobre VNSP. Com efeito, e nas palavras de Garcia y Bellido, no “... I Congreso Arqueológico de Marruecos Español celebrado en Tetuán, a fines del mes de Junio; prest[ou] otra comunicación sobre semillas prehistóricas de España y Portugal, escrita en colaboración con el Teniente Coronel Afonso do Paço.” (IC-IAC. Idem. Doc. 22)³⁴ e no IV Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas (Madrid, abril de 1954), ambos apresentam a comunicação *El Castro de Vila Nova de S. Pedro (Portugal). Nota sobre las últimas campañas: 1952-1953*, na qual, entre outros aspetos, discorrem sobre o forno e as muralhas encontrados, despertando grande interesse junto da audiência, “pelo que nos tivemos de reunir aparte em “congresillos” nos quais predominavam em número os ingleses.” (IC-IAC. Idem. Doc. 21. 10.12.1954)³⁵.

Ainda neste contexto, as publicações conjuntas de A. do Paço e Maria de Lourdes parecem evidenciar uma escrita científica mais rigorosa. Um rigor notado na inclusão do estado da arte, na descrição e representação, através de desenho e fotografia, dos materiais analisados, e nas interpretações sugeridas, com frequência suportadas por referências bibliográficas atualizadas, algumas das quais deverão integrar a biblioteca pessoal de Maria de Lourdes.

Conhecimentos e tenacidade bastantes para justificar, num período da nossa história ainda adversa do protagonismo feminino fora dos alicerces domésticos, a nomeação de Maria de Lourdes como vogal da CMAAA por parte de nomes destacados da sociedade almadense. Decorre o último ano da sua participação ativa na arqueologia em Portugal – 1955 –, e a qualidade do trabalho que vem desenvolvendo em matéria patrimonial, somado ao interesse crescente que coloca no estudo do passado do concelho onde reside, assim como aos círculos sociais e culturais onde se move, tornam-na uma voz ativa nas sessões de trabalho deste organismo camarário. Na verdade, a sua personalidade não se compadecerá de apatias e alheamentos de assuntos patrimoniais. Com efeito, neste outro contexto do seu percurso, tão ou mais desconhecido e invisibilizado quanto o arqueológico, reencontramos a autora dos relatórios minuciosos dirigidos ao IAC (*vide supra*), apelando à visita dos *monumentos ou locais de interesse arqueológico, histórico e artístico do concelho* (AHCMA/ACMAAA. 08/03/1955) e à criação de um *Museu Municipal* composto de quatro secções: pré-história e arqueologia, de etnografia e de arte (Id. Idem: 6). Porque somente assim, de modo abrangente e colaborativo, se poderá impedir o que há muito observa na arqueologia em Portugal:

³³ “Ao mesmo tempo preparo, em colaboração com o Snr. Tenente-Coronel Afonso do Paço 4 trabalhos a apresentar nos Congressos que se realizam muito em breve.” (IC-IAC. Idem. Doc. 10/2 – «Relatório acerca da atividade desenvolvida e assuntos que com ela se relacionam. Madrid 16 de abril de 1953»).

³⁴ Mas “... porque tal estudo foi ultrapassado logo no verão desse ano, não se entregou o texto da comunicação respetiva para ser incluída nas *Actas* do Congresso, apesar do interesse que ela despertara em toda a assistência, dando mesmo motivo a uma proposta bem honrosa para o nosso país, por parte do Prof. Doutor Júlio Martínez de Santa Olalla, que presidia à sessão.” (Paço 1958: 63).

³⁵ Faz-se mesmo “... constar la *felicitación* de la Sección Y del IV Congreso Internacional de Ciencias Pre-historicas e Proto-historicas al Sr. do Paço y a la *Señorita Costa Arthur* y se encarece à la *Nación Portuguesa* la importancia fundamental de Vila Nova de S. Pedro y la esperanza que tienen de que para dichas excavaciones reciban *sus Directores todo lo apoyo moral y material necesario*.” (Paço e Sangmeister, 1956: 97-98. Nossos itálicos). A curiosidade inglesa justificar-se-á pela centralidade que o tema dos povoados fortificados de altura ocupa na arqueologia anglo-saxónica e centro-europeia (Hamilton & Manley 2001; Harding, 2012: 37), empenhada que estará, por exemplo, em reexaminar as suas funções originais (Cunliffe 2006). Entender-se-á assim melhor que, presidindo à sessão, o arqueólogo e professor universitário Júlio Martínez de Santa Olalla (1905-1972) referira que “... las excavaciones de Vila Nova de S. Pedro [...] tienen el más alto interés histórico y documental, no solo para la Historia portuguesa sino para la Historia universal, especialmente del Mediterráneo y Próximo Oriente y países atlánticos europeos.” (Paço 1955: 30).



O problema que se deve pôr ao empreender uma *exploração não deve ser só* o da *escavação* mas ainda o da *conservação do monumento que se vai exumar*, pois de *contrário* proceder-se-á á sua *destruição* como se verifica em quasi todas as estações (IC-IAC. Idem Doc. 10. 17.11.1953. Nossos itálicos)

5. A DESCIDA DO PANO: 1956

Ninguém fica indiferente a Maria de Lourdes, sobretudo pela simpatia e qualidade do trabalho que desenvolve, tanto em Portugal, quanto em Espanha. Por isso, certamente, o pré-historiador, museólogo e professor universitário Martín Almagro Basch (1911-1984) que Maria de Lourdes conhece bem desde, pelo menos, a sua estada em Barcelona, recomenda à presidência do IAC a renovação da sua bolsa de modo a evitar que se *desvirtue hacia otros caminos en estos comienzos de su vocación* (IC-IAC. Idem. Doc. 12. 10.07.1953), como sucede muitas vezes com mulheres que ambicionam seguir a via da investigação científica (Bugalhão 2013).

Infelizmente, as palavras de Martín Almagro não podiam ser mais premonitórias e o seu receio mais real.

Respeitadora dos compromissos que assume e envolvendo-se com entusiasmo e assiduidade nos projetos que abraça e onde a integram, Maria de Lourdes começa a ausentar-se, por exemplo, das reuniões da CMAAA a partir de finais de agosto de 1955 sem justificação aparente. Chegado, porém, a 21 de janeiro do ano seguinte, o presidente da Comissão, José Menezes de Alarcão (1899-1984), comunica aos pares que a jovem arqueóloga contraíra recentemente matrimónio, fixando residência em Espanha, "... o que a inibiria de continuar a fazer parte desta Comissão, sentindo, por isso, o afastamento forçado de tão valiosa colaboradora." (AHCMA/ACMAAA. 21/01/1956: 50-51). Não obstante, quase dois meses antes, Maria de Lourdes fora agregada à Associação dos Arqueólogos Portugueses na qualidade de 'sócia correspondente', possivelmente por indicação de A. do Paço (Figura 3).



Figura 3 – Diploma de Sócia da Associação dos Arqueólogos Portugueses [Arquivo pessoal de Ana Cristina Martins].

Subitamente, a arqueologia portuguesa é privada de uma das suas maiores jovens promessas. Não por vontade de Maria de Lourdes que procura seguir o caminho que escolhera anos antes. Espanha, no entanto, não reconhece a sua formação universitária portuguesa. Além disso, a rede de conhecimentos que tece no país que escolhe para residir doravante parece não funcionar neste seu propósito. Por fim, mas não menos importante, a vida familiar que abraça insta-a a trilhar outros caminhos. Caminhos que não a fazem esquecer Portugal e a arqueologia portuguesa, a julgar, por exemplo, pelo conteúdo da sua biblioteca pessoal. Nela encontramos inúmeros títulos consentâneos ao objetivo que traçara de especialização no estrangeiro, assim como outros relativos aos sítios arqueológicos cujas escavações incorporara. Temas que não deixa de cultivar ao longo dos anos, mesmo após a sua partida definitiva para Espanha, aos quais soma outros, nomeadamente de índole etnográfico, vertidos nas lombadas das obras que adquire.

Trata-se, sem dúvida, de um exemplo de procura de internacionalização da ciência produzida em Portugal e de uma arqueologia colaborativa assente em padrões internacionais que acaba por ser de algum modo inconsequente. Inconsequente porquanto gerado no feminino e, também por isso, remetido para a esfera das (quase) invisibilidades. Uma invisibilidade ainda patente em estudos publicados no último decénio (Ribeiro 2013) e nas próprias memórias de quem, independentemente da sua função, integrou campanhas de escavação de VNSP. Uma invisibilidade que nos obrigada a cruzar permanentemente dados retirados de diferentes tipologias de fontes de modo a lançar luz sobre todas estas sombras das quais daremos conta noutros contextos.

Lisboa, Outono-Inverno de 2021
(em plena pandemia da COVID-19)

AGRADECIMENTOS

À Família de Maria de Lourdes Costa Arthur, pelo caloroso acolhimento e generosa disponibilização de documentação, muita dela inédita, que em muito enriqueceu a forma e o conteúdo deste artigo. A Todos os seus membros, o nosso mais profundo 'Bem-Haja'. À Dra. Lúcia Cristina Coito pelas facilidades concedidas na consulta de arquivos do Museu Nacional de Arqueologia. Ao comité organizador do encontro do qual resulta o presente texto, por todo o trabalho e compreensão. O texto foi produzido no âmbito dos projetos de investigação financiados pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com a ref. UID/HIS/04209/2020, e pela *Agencia Estatal de Investigación, Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades*, com a ref. PID2019-110748GB-I00 "Recuperando la memoria: recorridos femeninos en la Historia de la Arqueología española (siglos XIX y XX)" ou "ArqueólogAs", coordenado por Margarita Díaz-Andreu, *profesora de investigación* ICREA.

REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS

Arquivo familiar de Maria de Lourdes Costa Arthur.

Arquivo Histórico – Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Almada - Conselho Municipal de Arte e Arqueologia.

Arquivo Histórico da Universidade de Lisboa – Reitoria. Processo do Livro 12.

Arquivo Histórico do Instituto Camões – Instituto de Alta Cultura. Processo de Maria de Lourdes de Costa Arthur.

Arquivo Nacional Torre do Tombo – Ministério da Educação Nacional. Junta Nacional de Educação. 2.ª Subsecção.

Fundação Mário Soares – Documentos Mário e Alice Chicó.

Museu Nacional de Arqueologia – Arquivo Pessoal de Manuel Heleno. Correspondência pessoal.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [s.n.] (1953) – Congresso Nacional Espanhol de Arqueologia. Relação alfabética dos Congressistas do III Congresso Nacional Espanhol de Arqueologia, que visitaram Guimarães e a Citânia de Briteiros em 24 de julho de 1953. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez: 707-710.
- [s.n.] (1959) – A oferta da colecção arqueológica do Prof. Doutor Francisco Gentil ao Instituto de Arqueologia. *Conimbriga*, I: 17-20.
- ABRAÇOS, Maria de Fátima (2017) – Os mosaicos romanos descontextualizados. Alguns exemplos em coleções de Museus nacionais e estrangeiros.” *Abeltherium* III: 37-48.
- ARTHUR, Maria de Lourdes Costa (1950) – Sepulturas Romanas na Quinta de S. João (Arrentela-Seixal). In Atas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Tomo VIII (7ª Secção (Ciências Históricas e Filológicas): 673-683.
- ARTHUR, Maria de Lourdes Costa (1952) – Necrópolis de Alcácer-do-Sal (Colección del Prof. Dr. Francisco Gentil). In *Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional*. Zaragoza, Institución “Fernando El Católico”: 369-380.
- ARTHUR, Maria de Lourdes Costa (1983) – Meróbriga. Santiago do Cacém (Portugal). *Cesaraugusta*, 57-58: 51-109.
- BARATA, M. Filomena S. (1998) – Miróbriga: urbanismo e arquitetura. Lisboa_ MC/PPAR: 139 pp.
- BUGALHÃO, Jacinta (2013) – As mulheres na Arqueologia portuguesa. *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 19-23.
- CORREIA, Romeu (1978) – Homens e mulheres vinculados às terras de Almada (nas Artes, nas Letras e nas Ciências). Almada. Câmara Municipal de Almada, Almada: 88-90.
- COSTA, Madalena C. da (2012) – João Rodrigues da Silva Couto e a ‘inovação museológica’ em Portugal no século XX (1938-1964). *Series Iberoamericanas de Museología*, 6: 137-151.
- CUNLIFFE, Barry (2006) – Understanding hillforts: have we progressed?. In Payne, A.; Corney, M.; Cunliffe, B. (eds.), *The Wessex Hillforts Project: Extensive Survey of Hillfort Interiors in Central Southern England*. *Historic England*: 151-162.
- FABIÃO, Carlos (1997) – Percursos da Arqueologia clássica em Portugal: da *Sociedade Archeológica Lusitana* (1849-1857) ao moderno projecto de Conimbriga (1962-1979). Em Mora, G. e Díaz-Andreu, M. (eds.): *La cristalización del pasado: génesis y desarrollo del marco institucional de la Arqueología en España*, Málaga: Universidad de Málaga: 105-124.
- GARCÍA y BELLIDO, Antonio (1951) – El Instituto de Arqueología y Prehistoria ‘Rodrigo Caro’, *Archivo Español de Arqueología*, 24, 83-84: 161-168.
- HAMILTON, Sue; Manley, John (2001) – Hillforts, Monumentality and Place: A Chronological and Topographic Review of First Millennium BC Hillforts of South-East England. *European Journal of Archaeology*, 4 (1): 7-42.
- HARDING, Dennis W. (2012) – Iron Age Hillforts in Britain & Beyond. Oxford: Oxford University Press, 349 pp.
- HELENO, Manuel (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*, 2ª série, 3: 221-237.
- MARTINS, Ana Cristina (2003) – *Possidónio da Silva (1806-1896) e o elogio da memória. Um percurso na Arqueologia de Oitocentos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- MARTINS, Ana Cristina (2005) – *A Associação dos Arqueólogos Portugueses na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de (trans)formação (1863-1963)*. Texto policopiado. Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, especialidade em Arte, Património e Teoria do Restauro. Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Ana Cristina (2008) – José Leite de Vasconcelos (1858-1941) no contexto da política de salvaguarda patrimonial. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 26: 183-252.
- MARTINS, Ana Cristina (2013) – Mulheres cientistas e os Trópicos: uma visão preliminar”. Em Rodrigues, V.; Martins, A. C.; Duarte, M. C.; Carvalho, M. O. e Antunes, L. F. (eds.): *Ciência nos Trópicos: olhares sobre o passado, perspectivas de futuro*, Lisboa: IICT [s/pp.].
- MARTINS, Ana Cristina (2014) – Mulheres cientistas nas primeiras missões botânicas. Em Rollo, F., Nunes, M. de F., Pina, M. E. e Queiroz, M. I. (Eds.): *Espaços e actores da ciência em Portugal (séculos XVIII-XX)*. Lisboa: Caleidoscópio: 271-292.
- MARTINS, Ana Cristina (2016) – Pioneiras da Arqueologia em Portugal: «another brick» against «the wall» of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003), *Clepsydra. Revista de Estudios del Género y Teoría Feminista*, 15: 77-100.

- MARTINS, Ana Cristina (2019) – Women in the field: preliminary insights from images of archaeology in Portugal in the 1960s and the 1970s. A first essay”. In Koch, J. K. and Kirleis, W. (eds.): *Gender Transformations in Prehistoric and Archaic Societies*, Leiden: Sidestone Press Academic: 41-62.
- PAÇO, Afonso do; ARTHUR, Maria Lourdes Costa (1952a) – Castro de Vila Nova de San Pedro. II – Alguns objetos metálicos. Separata de ZEPHYRUS, III: 9 pp.
- PAÇO, Afonso do; ARTHUR, Maria Lourdes Costa (1952b) – Castro de Vila Nova de São Pedro. III – Perfis de bordos de vasos não ornamentados. Separata de *O Instituto*, v. 115.º: 18 pp.
- PAÇO, Afonso do; ARTHUR, Maria Lourdes Costa (1953) – Castro de Vila Nova de San Pedro. IV – Sementes pre-históricas de Linho”. Separata de “*Archivo de Prehistoria Levantina*”, IV: 7 pp.
- PAÇO, Afonso do; ARTHUR, Maria Lourdes Costa (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. Sep. *Actas del I Congreso Arqueológico del Marruecos Español* (Tetuán, 1953), Tetuán: s/e: 183-187.
- PAÇO, Afonso do; SANGMEISTER, Edward (1956) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII. Campanha de escavações de 1956 (19.ª). Separata de *Arqueologia e História*, s. 8, v. VII: pp.
- PAÇO, Afonso do; SANGMEISTER, Edward (1956) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII. Campanha de escavações de 1956 (19.ª). Separata de *Arqueologia e História*, s. 8, v. VII: pp.
- PAÇO, Afonso do (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII. Considerações sobre o problema da metalurgia. Sobre-tiro de ZEPHYRUS, VI: 13 pp.
- PAÇO, Afonso do (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII. Considerações sobre o problema da metalurgia. Sobre-tiro de ZEPHYRUS, VI: 13 pp.
- PAÇO, Afonso do (1957) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XIII. Recipientes de osso e de calcário. Separata de *Coimbriga*, v. II-III: 9 pp.
- PAÇO, Afonso do (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. X – campanha de escavações de 1956 (20.ª)”. Separata dos «Anais» da *Academia Portuguesa da História*, II, 8: 91 pp.
- PAÇO, Afonso do (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. X – campanha de escavações de 1956 (20.ª)”. Separata dos «Anais» da *Academia Portuguesa da História*, II, 8: 91 pp.
- PAÇO, Afonso do (1960-61) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. IX – Forno de cozer cerâmica. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências: 15 pp.
- PALOL, Afonso do (1953) – Crónica del VII Curso Internacional de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Barcelona». *Empúries: revista de món clàssic i antiguitat tardana*, [en línia], 15: 375-377.
- RAPOSO, Raquel C. (2000) – *Hipólito Cabaço. Seu Contributo para a Arqueologia Portuguesa*. [S.l.]: Tese de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- RIBEIRO, Maria (2013) – *O povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): historiografia das escavações realizadas. Contributo para a sua salvaguarda*. Texto policopiado. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património, 132 pp.
- ROLLO, Maria Fernanda; QUEIROZ, Maria I.; BRANDÃO, Tiago; SALGUEIRO, Ângela (2012) – *Ciência, cultura e língua em Portugal no século XX. Da Junta de Educação Nacional ao Instituto Camões*, Lisboa: Instituto Camões / Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- SCHATTNER, Thomas G. (2005) – García y Bellido y la arqueología clásica portuguesa. Em ANEJOS de la AESPA-Archivo Español de Arqueología, XXXIV, *La Arqueología Clásica Peninsular Ante el Tercer Milénio. En el Centenario de A. García y Bellido (1903-1972)*: 75-80
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos de; MARTINS, Ana Cristina (2021) – Irisalva Moita and the Megalithism of Beira Alta. Some reflections, half a century later. In *SCAENA 2. Actas do Colóquio “Irisalva Moita. Vida e Obra”*, Lisboa, Museu de Lisboa: 108-120.
- TARRADELL, Miquel (1953) – El I Congreso Arqueológico del Marruecos Español. *Empúries: revista de món clàssic i antiguitat tardana*, [en línia], 15: 377-378.
- ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octavio da Veiga; SANTOS, Cristina (1968) – Acerca do campo fortificado de «Chões» de Alpompe (Santarém). *O Arqueólogo Português*, S. 3, 2: 49-57.



